



Artista.Professora.Pesquisadora em continuum

Lucimar Bello P. Frange
Aposentada UFU/MG, Pesquisadora voluntária PUC/SP

RESUMO: Ser e Estar mergulhada em estados de criação tem sido há anos, uma escolha fundante. Invento ao mesmo tempo palavras, imagens e proposições artísticas. Nesse artigo recorto parte dessa produção e faço elos entre o *Poema IX* do livro de poemas *Caracol é uma casa que se anda* e *Ações Performáticas - A Casa Vestida*. O tema central, em ambos, é a CASA em sentido bastante ampliado. Dialogo com escritores, filósofos, artistas e arte educadores. Neles anoro minhas inquietações e os modos de ativar miúdos do mundo para que virem formas potentes de arte em vidas acesas.

PALAVRAS CHAVE: Arte contemporânea, literatura, arte educação.

ABSTRACT: Being and Being steeped in creative states has been for years a founding choice. I invented words, images and artistic propositions at the same time. In this article I cut part of this production and I make links between *Poem IX* of the book of poems *Caracol é uma casa que se anda*. The central theme in both is CASA in a rather broad sense. Dialogue with writers, philosophers, artists and art educators. In them I anchor my anxieties and the ways of activating minimalists of the world so that they see potent forms of art in lit lives.

KEY WORDS: Contemporary Art, literature, art education.

*É curiosa a sensação de escrever.
Ao escrever não penso no leitor nem em mim:
nessa hora sou - mas só de mim -
sou as palavras propriamente ditas.
Clarice Lispector*

Ser e Estar artista, professora e pesquisadora são antenas ligadas para as adversidades de mundos desafiadores, selvagens e inconstantes. Mundos turbulentos, movediços e velozes que exigem dia a dia sustentar "Uma Vida Coletivizante" (de coletivos mutantes). Assim aposto. Assim invisto. Assim insisto. As imagens e as palavras constituem uma poética desafiadora em *continuum* (John Dewey no livro: *A arte como experiência*). Dewey combate os dualismos e investe na continuidade entre duplos, entre díades, homem e ambiente, natureza e sociedade, a arte e a ciência, todos juntos e conectados. A experiência ativa e dinâmica é a base para arte e para a vida. Arte e vida, nas minhas escolhas, estão



permeadas pela artisticidade, pela docência e pela pesquisa, experiências em fluxos-contínuos. Precisamos habitar as experiências de viver e criar em conjunto: a liberdade, a delicadeza, as fragilidades de Ser e Estar em vidas in.com.possíveis.

Com o tema CASA crio situações, encontros e acontecimentos - blocos de devires. Tomo os espaços nos quais atuo como salas de aulas ampliadas, são extensões das quatro paredes ou do cubo branco ou mesmo de uma instituição. Minha escola é o mundo e muitos cantinhos de mundos. Concordo com Milton Santos *Cada lugar é o mundo*. Ser e Estar no instituído é necessário para furar-lhe as vísceras. Ser e Estar no cotidiano é habitar as surpresas das entranhas estranhadas. É Ser e Estar nas feridas e suas bordas. *Minha ferida existe antes de mim, nasci para encarná-la* (Gilles Deleuze). A ferida é acontecimento impassível e incorporal. Proponho que, com os trabalhos aqui recortados de uma experiência longeva, habitemos lugares de estar juntos em estado de criação; experimentação de desertos em nós; lugares de aprendizagem entre uma artista inquieta propondo ações inquietantes. Assumo a coragem de gerar mais dúvidas do que certezas; apostar na construção de saberes inesperados; feridas, pústulas e cascas a exigirem atenção; mergulho e apropriação para criarmos "fórmãs" no mundo para além das "fôrmas" de um saber instituído, prescrito ou estabelecido. O caos é o rei e o pai da criação. *É preciso ter caos dentro de si para dar à luz, uma estrela dançarina* (Friedrich Nietzsche). O tempo, o espaço e o lugar compõem situações criáveis entre sujeitos, experiências e atos de compar-trilhas: compor, corpar e trilhar coletivamente. Sempre. Corpar quer dizer, viver a experiência no corpo pessoal atrelado aos corpos coletivos, um desafiando o outro, um outro abastecendo outros. *Corpos-em-andamento. Somos um mínimo da biosfera* segundo Regina Favre.



Somos pessoas múltiplas, híbridas, complexas e processuais. Um “eu” é muitos, para além de um “euzinho” medíocre e fabricado por imposições e valores culturais, sociais de interesseiros e falsos poderosos. Cito Juliano Pessanha, *No corpo insone se acumula o magma dos acontecimentos* (PESSANHA, p. 143). *E entre coágulos e tumores surge, às vezes, um poema.* Vivo entre coágulos, tumores e tempestades, mares revoltos me sus.a.tentam desertos e multidões a cada instante. Nas exposições que venho realizando desde meados do século passado, as ações educativas fazem parte de uma programação cuidadosamente pensada entre as pessoas daquele lugar, os que ali trabalham; os convidados, escolas e grupos, artistas, escritores, estudantes, crianças, interessados, passantes, inesperados. Todos são recebidos para serem também colaboradores dos estados de criação apenas propostos. Tomo o *lugar como província da intimidade* (Idem, p. 21). Na arte. Na educação. Na vida. Em todas as exposições, as ações educativas fazem parte de um pressuposto assumido comigo mesma, conversado e concebido entre muitos. E diz Deleuze; *o deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade* (DELEUZE, p. 19). Fico entre desertos e identidades a devir. O deserto ainda não é o tempo nem o espaço, mas um espaço sem engendramento. Terra nua onde o homem nunca está presente, mas sempre fora. O fora como exílio. Sou artista-professora-pesquisadora do(s) exílio(s), do(s) fora(s). O fora como espaço das “fôrças” (com acento circunflexo mesmo). Tento dobrar as “fôrças” em *A Casa Vestida* e no *Poema IX*, como ação ética, estética e das estesias (sensações além das percepções). *A experiência do fora leva o pensamento a pensar: o impenetrável do pensamento, o invisível da visão, o indizível da palavra* (LEVY, p. 13).

A Casa Vestida é uma apropriação de fragmentos ordinários de uma casa simples - objetos de plásticos brancos: peneira de



cozinha; renda falsa usada para forrar a prateleira das panelas; ralo e alças de cortina de banheiro. Outros materiais: tecidos brancos de seda chinesa falsa, cortada e costurada em formatos irregulares; linha de bordar de cor laranja; rendas de algodão; mini botões brancos; fios roliços de seda; feltro; tule; paetês perolados; renda bege sintética; contas de cristal; espelho de bolsa; boton; porta-alfinetes que as costureiras usam na mão; miniaturas de pessoas usadas em maquete.

*A poesia é sempre uma linguagem agonizante,
mas nunca uma linguagem morta.*

Richard Smithson

O *Poema IX* é um fragmento do livro *Caracol é uma casa que se anda* (livro de 30 poemas). Esse poema em brotamentos a cada leitura, dialoga com a *Casa Vestida*, uma Ação Performática criada para a *Exposição Lucimares* na Casa Contemporânea (na cidade de São Paulo). A exposição aconteceu em outubro e novembro de 2018. Trabalhamos juntos desde fevereiro do mesmo ano, o curador, Andrés Hernandez; os proprietários da Casa Contemporânea, Marcelo Salles e Marcia Gadioli; o designer visual, Vitor Bossa; o assessor de imprensa, Décio Hernandez Di Giorgi. Desde a escolha dos trabalhos até a programação, tudo foi pensado e amadurecido conjuntamente. Vivenciamos uma vasta e diversificada programação educativa: conversas, leituras, mesas redondas, ações performáticas.

Poema IX

a casa e os livros. os livros a casa come
procuro
a biblioteca real portuguesa me engole
aos goles a casalivros esconde nada escolhe
guarda espreita velha sem idade



a casa os livros rios de letras nada lidos.
camadas filas filhos sem filtro
das letras dos poemas das escritas sem leitura.
sem pilhas de olho agudo
sem petiscos de poema
sem finuras de romance
sem torturas de conto.
casa dos livros
dos unguentos
dos mortos
dos alívios
dos trespasses. sem amanso.
a casa os livros aninhados e eu,
animados sopros secos ossos
livros teias afiadas,

Esse *Poema IX* é leitura da palavra e do mundo, como diz Paulo Freire, espreita e estreita mundos. O *Poema* termina com uma vírgula, não tem final; a casa come os livros; larva as palavras; lava as imagens. Os rios são letras-a-ler, sobre casas. Muitas casas, muitos lugares, muitas situações. O olho agudo espeta e finca existências para produzir re-existências. Os bálsamos, as feridas, os coágulos, os tumores fazem frestas para fazer surgir miúdos-de-criação. As criações, por sua vez, aninham pássaros e leões. Aninham, acolhem e produzem corpos-bichos a encravar formas de vidas compar-trilháveis (trilhas que disparam a todo tempo desafios e encantamentos de inesperados). As teias afiadas permitem uma gigantesca couve-flor de potências na arte e na vida entre muitas pessoas. O *encantamento existe quando aquilo que encontramos carrega um pedaço de nós mesmos* (PESSANHA, p. 41). Enquanto o poema escapa, transverso e esgarço as palavras e os leitores perdidos entre palavras, imagens, lugares. *Seres humanos são*



arquitetos de espaços interiores (Idem, p. 43). Quantas casas ampliadas habitam nossas aulas? Quantas arquiteturas afetivas montamos juntos? Nossas práticas educativas sustentam uma presença, tanto particular quanto em uma vida maior comum a todos? Quantos pequenos pedaços de nós mesmos são desafiados e encantados conjuntamente? Uma das dimensões da arte é o *re-encantamento* como escreve Susi Gablik. Ela propõe um paradigma cultural ancorado na revitalização de comunidades; uma perspectiva ecológica e acesso aos mitos e arquétipos da vida entre culturas. Acionamos essas dimensões na arte em processos coletivos? O *Poema IX* aciona mais estesias do que padrões estéticos de beleza e euforias mambembes? O poema dentre os outros do livro: *Caracol é uma casa que se anda*, aciona deslocamentos, disforias e sensações éticas. É mais grito do que sussurro. Acionamos gritos de criação? E murmúrios em tempos nada delicados? E sussurros potentes? Cito Manoel de Barros: *caracol é uma casa que se anda e a lesma é um ser que se reside*. Somos lesmas, babando e deixando rastros?

Termino o livro, *Caracol é uma casa que se anda*, bebendo e vazando palavras de Manoel de Barros: sou caracóis de Barros de Manoel, vivo lesmas de manuéis em barros.

Para continuarmos esse exercício de inquietações sobre a poética do ato criador, transcrevo parte de uma carta de Lygia Clark para Mario Pedrosa: *Quantos seres sou eu para buscar sempre do outro ser que me habita as realidades das contradições? Quantas alegrias e dores meu corpo se abrindo como uma gigantesca couve-flor ofereceu ao outro ser que está secreto dentro de meu eu? Dentro de minha barriga mora um pássaro, dentro do meu peito, um leão. Este passeia para lá e para cá incessantemente. A ave grasna, esperneia e é sacrificada. O ovo continua a envolvê-la, como mortalha, mas já é o começo do outro pássaro que nasce imediatamente após a morte. Nem chega a haver intervalo. É o festim da vida e da*



morte entrelaçadas. Pássaros e leões nos habitam, diz Lygia - são nosso corpo-bicho, conforme escreve Suely Rolnik. Quantos seres somos nós, arte educadores e nossos alunos? E as pessoas que nos rodeiam e nos compõem? Quantos seres sou eu para buscar os outros seres, sempre, sempre? Quantos ovos de diferenças gestamos? Quantos atravessamentos e efeitos da agitação dos fluxos nos atravessam, um a um? Quantos bichos-corpos somos?

A Casa Vestida é um eixo, apenas uma potencialidade, pois só acontece quando habita corpo a corpo, corpos-em-corpos. Crio territórios, trilhas, linhas de fuga, escapatórias, precipitação em sua própria dissolução. O grande paradoxo da arte talvez seja o fato de sua realização residir na irrealização (LEVY, p. 23). A Casa Vestida é quase-casa que agita a vida; quase-casa andando de corpo a corpo; quase-casa para tempos desprovidos de poesia. A Casa Vestida são diálogos com A Casa no corpo e O corpo na casa, de Lygia Clark. Conversa com os Parangolés de Hélio Oiticica. Tanto Lygia quanto Hélio são referências de muito longe, de quando ainda estudava Artes na UFMG, em Belo Horizonte (entre 1967 e 1970). A Casa Vestida conversa com as obras de Marcelo Moscheta e a escrita de Emerson Dionísio no catálogo Quase Casa: ...a presença de um afeto-frio da memória e do silêncio-opaco do território são intangíveis ou quase.

A Casa Vestida é composta de 12 tecidos brancos de uma certa seda chinesa falsa, mas de caimento leve. Tecido fosco sem texturas. Aceita os cortes, as dobras, as incisões, os bordados de quem não sabe bordar. Bordo propositadamente, contrariando saberes de uma bordadeira de outrora (bordei como se deve bordar, direito e avesso iguais). Agora alinhavo, puxo, desfaço, amarro, prendo, corto. Ficam marcas e pontos desiguais, fortes e mambembes. Mas nada de bordado que exija muito saber. Esse saber abandonei faz tempo. Hoje desenho com



as linhas, sem riscado, sem previsão, avesso e direito são desenhos "sem pé nem cabeça". O gesto vai guiando e seguindo os cortes aleatórios que pedem emendas. Cada um dos tecidos pode ser colocado no corpo, após a pergunta: *Você quer se vestir de a Casa Vestida?* Se "Sim", a pessoa abaixa a cabeça para ter, no corpo, na cabeça ou na mão, o vestível e passar para outra pessoa com a mesma pergunta. Se a pessoa disser "Não", há um agradecimento e passa-se para a pessoa mais próxima. Tanto "Sim" quanto "Não" são compar-trilhas, são modos de participação com o corpo, com a mão, com a cabeça, com o pensamento inquieto a furar saberes sedimentados. As pessoas têm escolhas, pois afinal trata-se apenas de uma proposição de artista que trabalha, deliberadamente com as coisas-miúdas de mundos os mais diversificados. Os 12 vestíveis estão agora guardados em 12 caixas à espera de corpos-passantes:

1. Dos olhos-de-ver
2. Do anel-de-mão
3. Dos Limpamentos
4. Dos Pensamentos
5. Do Jardim
6. Das Festas
7. Das Pessoas
8. Dos Encontros
9. Das Comedorias
10. Dos Quintais
11. Dos Intervalos
12. Das Fendas

A espera é pensada nesses trabalhos como uma gota d'água prestes a cair de uma torneira quase fechada. Caimento devagar. Devagar vai se formando um mínimo de água até formar uma gota e pingar. E outra e outras mais. Olhar afiado à



espera de um acontecimento miúdo nesse *mundo tão vasto, vasto mundo* (Carlos Drummond de Andrade).

Dos olhos-de-ver - uma peneira de plástico-branco é recoberta com renda de algodão feita no Nordeste Brasileiro. O bojo da peneira tem linhas laranjas que vão e voltam várias vezes, sem desenho definido. A parte superior tem abas para além da mesma, um volume quase chifre. Chifre quieto, mas chifre antena. Dentro, um espelhinho costurado na parte superior mexe ao menor gesto - gesto das delicadezas. Contas transparentes de cristal adornam a parte interna e permitem pequenos barulhos. O cabo da peneira vira a alça de um toucador mambembe. De rosto em rosto e de mão em mão se instala uma visão de treliça para tempos delicados e das turbulências. Temos que acionar as delicadezas potentes! E habitar as invisibilidades e as fissuras de re-existir.

Do anel-de-mão - um porta-alfinetes dos que as costureiras usam na mão é coberto com renda (da mesma acima). Um feltro alaranjado e acolchoado seria o lugar dos alfinetes. Um elástico por baixo permite que o anel-de-mão seja usado sobre a parte superior da mão e nela fique preso. Duas partes da renda caem dos dois lados e formam "um anel chorado" que escapa da mão pelas rendas moles. Assim é um anel sem poderio, sem adorno tradicional, sem adereço conhecido. Anel que não recebe alfinetes mas faz as mãos se ampliarem 10 cm para cada lado. Um anel falso a ser passado de mão em mão. Mãos dadas, mãos doadas em estado de espera. Quantas mãos nos doamos nas aulas de arte? E nas práticas educativas e em comunidades? Quantas feridas de mãos nos habitam? Um anel que estica as mãos pede encontros de outras mãos. Mãos escorridas de afagos.

Dos Limpamentos - o ralo do banheiro se transforma em botão gigante bordado com linhas laranjas. Escorrega do chão, do lugar de recolher as sujeiras. Recolhe agora as sujidades do corpo, que são despistadas pela beleza, enganam a quem não



prestar atenção. O banheiro, o lugar mais íntimo da casa, vaza de um corpo a outro. Veste-se um mínimo de banheiro no peito, no coração que pulsa como medusa. Quantas medusas coletivas somos na arte educação? Bonito, mas banheiro contínuo, um “quase esgoto” peitoral.

Dos Pensamentos - um cobre bolos de plástico branco com trama de furos miúdos é coberto com renda (da mesma usada noutros vestíveis). O cobre bolos cobre cabeças, é passado de um corpo a outro. Dos Pensamentos trava o olhar. Seria uma burca d'arte? Uma treliça? Um chamamento exigindo um olhar agudo de entre e intra mundos? Quantos olhares adensamos nos corpos? A renda vai até a cintura, estica a cabeça. Mini botões e cordões roliços de seda acordam os braços fazendo-lhes cócegas. Essa cabeça torna-se Dos Pensamentos a devir. Acionamos as frestas e as treliças nesses mundos contemporâneos, conturbados e propositores? E esticamos as cabeças à espera de devires? De desertos nus? Jocielle Lampert diz *que é preciso saber deambular... A Abordagem Triangular é vista hoje como um zigue-zague (ver-contextualizar-ver-contextualizar, etc). Propicia uma inter-relação entre o fazer artístico, a leitura, o contexto sociocultural e a cultura visual como objetos de estudos visuais, ancorada na arte como produção cultural. Propicia uma investigação contextual e relacional ao passo que faz tessituras* (LAMPERT, p. 444). Deambulamos em cantinho de Brasis e nas relações entre arte, educação e vidas éticas e estéticas, em amplas tessituras?

Do Jardim - um porta-prendedores de roupa daqueles de varal é recoberto com parte de uma cortina de renda branca sintética. O tecido grande cobre o rosto, os ombros, o tórax, os braços. Assim reitero os corpos a se verem e serem vistos pelas frestas, fissuras, mínimos de mundos. Pequenos detalhes recobrem parte da renda. Desenho pequeninhos galhos em verde e mini flores laranjas. O jardim vestível passa de corpo a



corpo. Mais uma vez *A Casa Vestida* é um pequeno universo de matinho e florzinha. E nada de chão - jardim de corpos que têm uma "identidade" apagada.

Das Festas - uma quase-capa cobre um corpo da metade para cima. Um decote canoa é recoberto com filó alaranjado, paetês furta cor e um boton com o meu nome (boton da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Arte). Assim cada pessoa veste as *Lucimares* (nome da exposição de 2018), celebrando 25 anos de trabalhos. Nessa Exposição, o trabalho mais antigo é de 1974. Nossas aulas de encontros d'arte são festas de encontros ancorados em memórias, histórias de vida e ancestralidades?

Das Pessoas - uma outra quase-capa com gola avantajada que vaza o pescoço tem pontos e nós amarrados e sobre essa gola incerta são pregadas miniaturas de pessoas (usadas em maquete). Mas pregadas com linha brancas superpostas. Seriam as ataduras que nos atam ou as linhas de fuga que de nós escapam fazendo emergir acontecimentos e encontros inesperados? Inesperados instantes acontecentes?

Dos Encontros - um vestível com decotes fartos do próprio tecido. Cortes enrolados com as mãos como se embrulhavam em tempos antigos, os grãos comprados a granel. O decote é farto e 2 ombreiras altas esticam os ombros levando-os quase ao pescoço. Mas são ombreiras sem muito caimento, negam e expandem os ombros ao invés de estruturá-los. Costura de quem não sabe costurar, menos ainda modelar um corpo tradicional da alta costura. Acabamentos de quem esqueceu o antigo saber costurar. Essas costuras são do universo da criação com tecidos, linhas e pequenos objetos. Todos numa junção de acasos e incertezas.

Das Comedorias - com um pedaço de renda de plástico colocada na prateleira da cozinha para acomodar as panelas, é feito um xale que veste os ombros e uma gola alta cobre o



pescoço. Um laço farto de fita alaranjada confere ao xale um chique ordinário. Alguns desenhos quadrados da renda são recobertos com linhas de bordar, brancas e também alaranjadas. Parece ser uma vestimenta para encontros especiais, tem um certo charme, mas rasga fácil, re-costuro toda vez que é usado. As pessoas optam, pela sedução, usá-lo primeiro dentre os 12 vestíveis a serem escolhidos. É o vestível mais desejado, porém tem que passar de corpo-a-corpo. A *Casa Vestida* é uma proposta em andamento, nunca pára - um corpo encontra outros e outros estão à espera. Não existe mais o suporte para as panelas, mas um quase-adereço de inusitados. Corpamos os inusitados na vida, não somente de materiais, mas de matérias de existências para re-existências coletivas, nas aulas e encontros d'arte?

Dos Quintais - a quase-capa, dessa vez, tem uma gola antes cortada em cruz. O tecido aceita os pregamentos para que fique no corpo porque se não ficar atento, escapa ou escorre. Os ganchos de plástico da cortina do banheiro são inteiramente recobertos com linha laranja, negam suas funções. Esses ganchos ficam irreconhecíveis, ganham um outro valor. Enfeitam mais do que penduram. Seriam os rastros de quintais em nossas vidas, hoje atravessadas por muros de edifícios e de construção? Quintais soterrados?

Dos Intervalos - inteiramente branco. No peito um volume parece uma vulva agigantada. Para fora. Pessoas pensam em flores. Penso em flores carnívoras que devoram qualquer passagem de carne (um mínimo inseto já era). Acionamos as nossas carnes, estranhas entranhadas em nosso cotidiano de experimentações? Nos encontros e acontecimentos na arte e na vida? Respiramos, expiramos e transpiramos criações coletivas?

Das Fendas - todo branco. Na altura do peito umas dobras sugerem uma borboleta gigante de asas abertas, mas esbeiçadas, sem vôo. Seriam as borboletas no peito, na barriga e nas



vísceras a nos exigir atenção afiada para a criação, além de funcionamentos eficazes e de causa e efeito? Essa borboleta mais parece uma flor gigante, molenga, não-flor. Estaria gestando mínimos de mundo, no encontro de corpo a corpo? E de corpos-em-corpos?

A *Casa Vestida*, reafirmo, compõe-se de Ações Performáticas. Não é uma performance, são instantâneos de passagem, frestas de devires, apagamentos de traços de identidades. As pessoas ficam resguardadas pelos tecidos. São experimentações que perpassam a Abordagem Triangular. Faço algumas considerações de estudiosas da Arte Educação. Fui orientanda de Mestrado e Doutorado, de Ana Mae Barbosa, a professora-pesquisadora que vem pensando e repensando, de longa data, a arte e seu ensino. Pessoa inquieta e formadora de inúmeras gerações de artistas-professores-pesquisadores no Brasil e em muitos países. Ana Mae escreve: *a Abordagem Triangular é tão flexível que eu própria a modifiquei, renomeei e ampliei quando ela mudou de contexto do museu (MAC/USP) para o contexto da sala de aula. A Abordagem Triangular é aberta a interpretações e reorganizações, talvez por isso tenha gerado tantos equívocos, mas que a enriqueceram, ampliaram e explicitaram* (BARBOSA, p. 110). Desde quando era professora de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia e mestranda e doutoranda na ECA/USP, acompanho o pensamento de Ana Mae e as pesquisas sobre essa Abordagem. Conforme Regina Machado, a Abordagem Triangular não é uma metodologia. Os três eixos de aprendizagem artística que a compõem delimitam claramente conjuntos possíveis de ações complementares e interconectadas. Ações que podem se manifestar concretamente em redes intermináveis de relações. O eixo da produção, da leitura e da contextualização (MACHADO, p. 64-75). Ou seja, conceber, perceber, sentir, configurar, concretizar. Penso o *Poema IX* e *A Casa Vestida* e as ações



educativas que aconteceram durante a *Exposição Lucimares*, como um exercício. Se deixar contaminar, conforme Craig Owens o *artista não cria, confisca imagens*. Continuo minha conversa com uma das estudiosas da Abordagem Triangular. Essa *Abordagem guarda a ideia da pedagogia problematizadora de Paulo Freire, por isso a 'leitura', aliada à contextualização daquilo que é 'lido' deve ser entendida como 'questionamento, busca, descoberta'* (BREDARIOLLI, p. 29-36). Leda Guimarães afirma a *Abordagem Triangular acumulou uma fortuna crítica no contexto da arte/educação brasileira* (GUIMARÃES, p. 411). Podemos buscar em inúmeras publicações essas proposições no ensino da arte.

A *Casa Vestida* veste, desveste, trespassa, perpassa, seduz expulsa as experimentações de Ser e Estar no instituído para furar-lhe as vísceras. Ser e Estar no cotidiano com as surpresas das entranhas estranhadas. Ser e Estar nas feridas e suas bordas.

Peter Pal Pélbart afirma que *obra só se torna obra quando desobra*. A *Casa Vestida* desobra, exige o abandono das certezas que constituem nossa cultura e dos princípios que regem nossa história. *Escrever, nesse sentido é a violência, pois transgride a Lei, toda lei* (LEVY, p. 25). Pensar é experimentação. Pensar é criar uma vida. As palavrarias desse texto são dinâmicas para o dentro-do-fora. O fora que nunca fica. Mas finca deslocamentos para alocações outros e outros mais. A formação do artista-professor-pesquisador é refletir sem cessar sobre os acontecentes de embate nos desafios e nos prazeres da arte.

Fernando Cocchiarale, no texto: *Quem tem medo da arte contemporânea?* Diz ele, são muitos. A maioria afirma não entendê-la por achá-la estranha. Uma das práticas é a necessidade da mediação pela palavra... O problema é que as pessoas usam um único verbo - entender. Entender significa



reduzir uma obra à esfera do inteligível. As pessoas têm medo de sentir. Elas querem entender. Tento nesse texto, escapar dele mesmo, sentir as estesias d'arte e assumo as idiossincrasias e inconsistências para além de um "entendimento".

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da. (org.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo, Cortez, 2010.

BARROS, Manoel de. "Olhos parados". In: **Poesia completa**. São Paulo, Ed. Leya, 2010.

_____. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro/São Paulo, Ed. Record, 2007.

BELLO, Lucimar. **Caracol é uma casa que se anda**. São Paulo. Ed. Labrador, 2016.

BREDARIOLLI, Rita. "Choque e formação: sobre a origem de uma proposta para o Ensino de Arte". In: BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da. (org.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo, Cortez, 2010.

CLARK, Lygia. **Carta a Mario Pedrosa**. In: Carta citada por Sonia Lins, Artes, 1996.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo, Ed. Escuta, 1998.

DIONÍSIO, Emerson. **Quase casa**. In: MOSCHETA, Marcelo. São Paulo, Ed. Bei, 2011 (Catálogo).

GABLIK, Susi. **The reenchantment of art**. London, Ed. Thames and Hudson, 1992.

GUIMARÃES, Leda. "Processos de triangularização na trajetória docente: da educação artística à educação à distância". In: BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da. (org.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo, Cortez, 2010.

LAMPERT, Jocielle. "Deambulações sobre a contemporaneidade e o ensino de Artes Visuais e da Cultura Visual". In: BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da. (org.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo, Cortez, 2010.



REVISTA APOTHEKE

ISSN 2447-1267

v.5, n.1, ano 5, 2019

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora, Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

MACHADO, Regina. "Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da Abordagem Triangular". In: BARBOSA, Ana Mae e CUNHA, Fernanda Pereira da. (org.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo, Cortez, 2010.

PESSANHA, Juliano Garcia. **A recusa do não-lugar**. São Paulo, Ed. Ubu, 2018.

ROLNIK, Suely; In: *Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o sopro. A você cabe o corpo*. Org. Musée des Beaux-Arts de Nantes, França, 2005 e Pinacoteca de São Paulo, SP, 2006. (Catálogo).

_____. **Lygia Clark e o híbrido arte/clínica**. In: Caosmose.net/suelyrolnik.pdf/Arteclic, em 10/02/2019.